

Discursos para o feminino em páginas da revista *Querida* (1958-1968): aproximações

Women discourses in pages of Querida magazine (1958-1968): approaches

Laura Peretto Salerno¹
Maria Teresa Santos Cunha²

RESUMO

A imprensa feminina desempenha importante papel na educação de mulheres letradas. Nas décadas de 50 e 60 do século XX, as revistas femininas ocupavam um lugar de destaque na vida de suas leitoras, dialogando com elas sobre problemas cotidianos. Eram conselheiras e confidentes; companheiras de lazer. A partir disso é possível afirmar que tais periódicos podem colaborar para a manutenção de determinados padrões, veiculando papéis ditos tradicionais de mulher, de comportamento, de sexualidade e de relações de gênero. As fontes da pesquisa são compostas por 31 volumes da Revista *Querida* com exemplares que representam os anos compreendidos entre 1958 e 1968. O objetivo da pesquisa com tais revistas seria procurar compreender que modos de comportamento os discursos presentes na coluna *Certo e Errado* de *Querida* (1958-1968) teriam contribuído para sugerir e que representações de uma época esses discursos, veiculados nas páginas das revistas selecionadas, ecoaram.

Palavras-chave: educação feminina; mídia impressa; discursos de gênero; representação.

1 Mestranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil.

2 Doutora em Educação – Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil.

ABSTRACT

Women's press has an important role in the education of literate women. In the 50's and 60's of the twentieth century women's magazines occupied a prominent place in the lives of its readers, talking to them about everyday problems. They were counselors and confidants, entertainment partners. From this it can be said that such journals may contribute to the maintenance of certain standards, passing so-called traditional roles of women, behavior, sexuality and gender relations. The research sources are composed of 31 volumes of the *Querida* magazine with copies representing the years between 1958 and 1968. The objective of this research with such magazines is to seek to understand patterns of behavior that the speeches in the column *Right and Wrong* in *Querida* (1958-1968) would have contributed to suggest and what representations of a time these speeches, which appeared on pages of the selected magazines, echoed.

Key-words: women education; printed media; gender discourses; representation.

Introdução

As décadas de 1950 e 1960 representaram um período de efervescência cultural e transformações sociais, em especial no cenário urbano brasileiro. Os anos de 1950 iniciam trazendo ares de modernidade, crescimento e desenvolvimento urbano, inovações tecnológicas. Tudo isso vem de mãos dadas com ideários conservadores de que a mulher deveria dedicar-se ao marido, aos filhos e aos trabalhos domésticos, enquanto ao homem caberia a tarefa de sustentar este lar. Em meados da década de 1960 novas ideias começam a surgir. Ao passo que a ditadura instaura-se no Brasil, inicia uma luta por igualdade de direitos e os movimentos sociais ganham força no país. A concepção de que o lugar da mulher é cuidando da casa já não é mais tão forte e começam a surgir espaços para a mulher no mercado de trabalho e nas universidades.

É nesse contexto que eram produzidas as revistas *Querida*. Em meio a tantas mudanças, o que diziam as páginas dessa revistas? O que expressavam suas imagens? Como a revista se comportou diante de tais transformações?

A revista *Querida* nas décadas de 1950 e 1960

No ano de 1958 *Querida* estava em seu ano V de publicação e era tida como um dos maiores periódicos femininos da época, como lembra Bassanezi (1996, p.34). A revista surge em junho de 1954, editada pela proeminente Rio Gráfica Editora. Fundada na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1952, a Rio Gráfica Editora fazia parte das organizações Globo, pertencentes ao jornalista Roberto Marinho, e possuía um dos maiores parques gráficos da América Latina. Passou a chamar-se Editora Globo ao adquirir, em 1986, a gaúcha Editora Globo.

Com dois exemplares a cada mês, *Querida* possuía 24 números anuais até o ano de 1966, quando passou a contar com 26 números anuais. Por entender, conforme indica Bastos (2002, p.54), que “a tiragem é um significativo indicador da repercussão da revista”, frisa-se o fato de que dados do IBOPE apontavam que *Querida* era a revista quinzenal favorita na segunda metade dos anos 50 (BASSANEZI, 1996, p.34). Apesar disso, os exemplares não apresentavam, em seu editorial, os números de tiragem de cada edição.

Querida tinha seu público bem definido; além de trazer escritas as palavras “para adultos” em muitas de suas capas, o próprio título já designava e determinava quem a leria. Mulheres letradas de classe média das principais capitais brasileiras compunham a maioria de seu público leitor. De certo modo, *Querida* reverberava os preceitos passados nas escolas brasileiras no início do século XX, uma vez que trazia em seus textos e imagens “o discurso sobre a importância da educação na modernização do país” (LOURO, 1997, p.443), que, segundo Guacira Lopes Louro, já estavam presentes nos debates do final do século XIX. Isso apesar de nas décadas de 1950 e 1960 grande parte da população brasileira continuar analfabeta. O discurso presente nas páginas de *Querida* (1958-1968) reforçava os princípios difundidos pelas escolas do período como a prática de leitura, os benefícios alcançados com as atividades físicas, os cursos de corte e costura, bordados e culinária. Tudo isso marcado por uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que era promovida a necessidade de a mulher modernizar-se, estudar, ler, era também enfatizada a ideia da moça casadoira, ligada à casa e à maternidade (LOURO, 1997, p.458).

Integravam quinzenalmente a revista seções como: decoração, culinária, moda, beleza, horóscopo, cartas, cinema, livros, ballet e teatro nacional e internacional. O que mais uma vez traz indícios de seu público leitor. Mulheres que, além de dispensarem um tempo para casa e beleza, frequentavam ou apenas interessavam-se pelo que se passava, no Brasil e no mundo, em termos de teatro, cinema, dança.

Nas páginas de *Querida*: preceitos de civilidade para suas leitoras

Em muitas das páginas de *Querida* (1958-1968) foram produzidos discursos que aproximaram educação feminina a aprendizados de civilidade, atentando para o fato de que, como afirma Maria Stephanou (2006, p.362), não se trata apenas de instrução, de aquisição de modos de fazer, mas especialmente a prescrição da educação como modo de bem viver das mulheres. A civilidade é compreendida aqui como uma experiência historicamente construída e capaz de produzir princípios acerca de uma regularização dos instintos.

Na apresentação feita por Renata Janine Ribeiro para a edição brasileira de *O processo civilizador*, de Norbert Elias, Ribeiro afirma que Elias considera que o grau de responsabilidade dos homens amplia enormemente à medida que ele se civiliza, aumentando, conseqüentemente, o controle dos seus impulsos. Os anseios humanos tornam-se civilizados, significando que as emoções passam a ser contidas e os impulsos controlados.

A contenção de pulsões, a civilização, segundo Norbert Elias (1994, p.59), por meio de práticas de leitura pode ser constatada na recomendação de leituras de livros religiosos, catecismos e manuais de civilidade, por exemplo. Visa-se, então, neste artigo à discussão de como a leitura de suportes textuais que, aparentemente, não teriam objetivo formador, contribui para a civilização da mulher. Um desses suportes seria a revista feminina: leitura de fruição, portanto aparentemente desprezível, que tem como um de seus principais objetivos entreter suas leitoras. Segundo Cunha (2006, p.18):

Através da análise de textos escolares (livros didáticos) e não-escolares (revistas de variedades) que circularam como práticas de leitura entre meninas e mulheres, entre as décadas de 1950 a 1960, pôde-se perceber um processo de codificação de regras e padrões desejados informado por diferentes saberes e discursos que não levavam em sua caracterização o título específico de ‘manuais de civilidade’. Ao realizar uma pesquisa específica sobre manuais de civilidade, foi possível constatar que para além deles, revistas de variedades e textos escolares largamente difundidos funcionavam como suportes materiais de textos e imagens que atuavam como veículos de propagação de normas e preceitos que caracterizariam regras de civilidade.

Se, conforme afirma Jean Marie Goulemot (2001, p.107), “... seja popular, ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido”, há que frisar que, em um período em que a televisão era ainda embrionária, as revistas femininas, por suas altas vendagens, parecem ter sido influentes e apropriadas por seu público leitor.

A toda forma de educação que tem ficado a cargo de práticas culturais ou instituições que não a escola, no domínio dos estudos culturais, dá-se o nome de pedagogias culturais. Tal noção destaca justamente a centralidade da mídia nos processos educacionais tecidos para além do espaço escolar. A ideia de pedagogia cultural permite considerar como educativos a mídia impressa, os programas de televisão, os filmes, os desenhos animados, museus, a publicidade. Educativos, porque ensinam determinadas formas de ser, de se ver, de pensar e agir; porque tais artefatos culturais, ao colocarem em circulação determinadas representações constituem-se como materiais a partir dos quais as pessoas vão construindo suas identidades de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia. São nada menos que pedagogias capazes de operar pela sedução e de educar modos de comportamento.

Existe pedagogia em qualquer lugar onde o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar comum (GIROUX; McLAREN, 1995, p.144).

Sob essa óptica, “todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação, é cultural” (SILVA, 2002, p.139). A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, o currículo não consiste apenas no conteúdo aprendido na escola, engloba também o conhecimento transmitido por livros, jogos eletrônicos, programas televisivos, revistas, músicas, filmes, publicidades. Nesse sentido, tais artefatos culturais possuem um currículo que ensina uma infinidade de práticas, comportamentos, sonhos e desejos. O currículo, compreendido como um artefato cultural, é um sistema de significação implicado na produção de identidades e subjetividades, no contexto das relações de poder, ou seja, uma prática de produção e veiculação de significados, um espaço de representações. Pela perspectiva dos Estudos Culturais, a cultura passa a ser vista como uma pedagogia, e a pedagogia passa a ser vista como uma forma cultural. Nesse sentido, pode-se inferir que outras instâncias culturais e processos extraescolares, são também pedagógicos.

As imagens produzem uma pedagogia, uma forma de ensinar as coisas do mundo; produzem conceitos e pré-conceitos sobre diversos aspectos sociais, produzem formas de pensar e agir, de estar no mundo e de relacionar-se com ele. A esse respeito Maria Teresa Santos Cunha (1999, p.51) afirma:

As imagens que estampam as capas dos livros podem ser decifradas como um conjunto de signos, como um suporte para representações ideológicas; a linguagem dos títulos aguça a imaginação e faz pensar no seu conteúdo, e a linguagem das disposições tipográficas pode dar uma organização mais ou menos clara à leitura. Isso nunca escapa aos leitores.

E a autora vai além, procurando mostrar que essas imagens e textos educam e seduzem:

Uma educação que seduz. Uma sedução que educa. Eterno contraste: opaco e luminoso; luz e treva na luta para analisá-lo. O que educa estaria no equilíbrio tênue entre o real, portanto racionalizável, e o imaginário. O que seduz não seria o evidente, nem o absurdo. Seria o verossímil (CUNHA, 1999, p.75).

A partir desse ponto, o discurso criado pela mídia, de um modo geral, assume formas de regulação social que produzem e constroem identidades e que exercem uma função pedagógica. A indústria cultural, através dos meios de comunicação, modela o imaginário, cria e introjeta personagens, atitudes, ideais.

Ruth Sabat (1999, p.28) parte da ideia de que há um círculo cultural sendo trabalhado pela mídia que ensina modos de ser homem e de ser mulher. Segundo a autora:

A publicidade utiliza mulheres e homens de determinada classe social, raça/etnia, nacionalidade, desde que de acordo com padrões estabelecidos pelas sociedades ocidentais modernas. Essas representações, porque construídas socialmente, estão carregadas de significados e, por isso, constituem identidades, reproduzem significados, produzem outros tantos.

A mídia impressa feminina é uma das instâncias sociais que produz cultura, veicula e constrói significados, identidades e representações. Por meio dela sujeitos podem ser constituídos a partir de um modelo predominante, correspondente ao sistema político, social e cultural do qual fazem parte.

No que concerne ao discurso sobre princípios de civilidade presente em *Querida* (1958-1968), pode-se dizer que à medida em que páginas da revista são folheadas descortinam-se possíveis modos de comportamento aceitáveis para uma determinada parcela da sociedade brasileira daquela época. Ao mesmo tempo em que o cinema norte-americano apresentava cenas ousadas de mulheres solteiras beijando rapazes e comportando-se mais informalmente, casar, ao que tudo indica, continuava sendo a meta maior da mulher letrada, de classe média, urbana de desse período. E como muitos homens de classe média urbana ainda procuravam as mulheres virgens para casar, a preocupação com a “pureza” das moças continuava bastante grande. De acordo com esse imaginário, mulher que vestisse saia curta, sentasse com as pernas abertas ou fosse desquitada era considerada leviana. Em carta para a Revista *Querida* (1968, n.348), uma leitora registra a sua angústia:

É imoral o beijo na bôca? Meu namorado colocou a mão no meu ombro e eu na sua cintura; minha avó viu e me chamou a atenção. Será que eu estou errada? Eu gostaria de obedecê-los... sou filha única e eles gostam muito de mim...quero ser uma môça direita...tenho 19 anos e meu namorado tem 20; ele e eu temos muito juízo. (p.21)

Os textos presentes nas revistas *Querida* disseminaram novos hábitos de conduta e de vida na educação de meninas e mulheres, pautados pelos valores do progresso e da civilização. Busca-se, assim, situar tais leituras em meio a um conjunto de práticas discursivas voltadas à preparação de moças na sua condição de cidadãs, lembrando que o discurso sobre a civilidade, que parece tão natural, “constitui tão somente uma experiência histórica. Ao invés de natural, representa um intenso esforço de codificação e controle dos comportamentos, esforço para conter as sensações e movimentos do corpo e da alma.” (Stephanou, 2006, p. 363). Nesse sentido as revistas femininas, em especial nas décadas de 1950 e 1960, desempenhavam um papel de destaque neste intento de promover uma educação da conduta feminina. Segundo Fornazari (2001, p.65):

[...] no século XX, as revistas, tanto femininas quanto de variedades, traziam normas que promoviam um devir desejado, idealizado, destinado principalmente às mulheres. Segundo Carla Bassanezi, as imagens das revistas femininas ‘mais do que refletir um aparente consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes de sua época’.

As formas de comportamento, consideradas legítimas para uma determinada parcela da sociedade brasileira da época, foram sofrendo transformações no decorrer dos dez anos que perfazem o período recortado pelas fontes. O ano de 1964 abre a época da ditadura vivida no Brasil. Em consequência de um sistema político opressor, jovens participantes de movimentos estudantis questionavam padrões de comportamento e normas estabelecidas. A pílula anticoncepcional proporcionou às mulheres a oportunidade de pensar a sua sexualidade, as mesmas mulheres que começavam a ter espaço nas universidades e no mercado de trabalho. Iniciava-se, ainda, a era de uma cultura influenciada pela indústria cultural.

Contudo, a partir das leituras das revistas *Querida* (1958-1968) realizadas, compreende-se que no Brasil dos anos 60 conviviam as ideias da modernidade e de mudança com a do ideal do “casamento feliz”. Num momento de modificações sociais e políticas, “a virgindade, o adultério e a questão da mãe solteira são apontados como os mais sérios preconceitos contra a mulher” (REVISTA *QUERIDA*, n.335, 1968, p.12). “A virgindade é considerada um tabu, mas os rapazes ainda preferem as virgens para casar-se; pede-se compreensão para a mãe solteira, mas poucos aceitam com serenidade essa situação em sua própria família” (p.14).

Tolhida pelos preconceitos, a mulher – hoje mais do que nunca – luta desesperadamente para realizar-se, pois, agora, ela também tem contra si as inconveniências dos próprios anseios da vida moderna. Ela procura seu equilíbrio entre a moda e o pudor, entre o amor e a liberdade, entre as circunstâncias e a sua própria condição feminina (p.14).

Mesmo se tratando de um período de transformações culturais, sociais e políticas, ainda se faz possível perceber nas páginas de *Querida* que diversas questões e tabus continuavam a chocar a sociedade. A discussão aberta sobre temas como o aborto, a sexualidade dos jovens, a infidelidade feminina ou a gravidez de moças solteiras, ainda era uma excepcionalidade. “É curiosa a

Com a coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas* instaura-se um processo de codificação que assume enunciações específicas, no que concerne às relações entre educação da mulher e civilidade, e produz uma determinada visão do que é polido, agradável, adequado, civilizado, enfim, educado. “Informavam para formar disposições, condutas, sensibilidades, direções de vida, para o que privilegiavam enunciados normativos que dizem o que é ou o que deve ser a mulher bem educada, moderna, engajada em tornar seu lar, e por extensão, toda a sociedade, melhor” (STEPHANOU, 2006, p.364).

Pode-se inferir que muitas das dicas de etiqueta eram respostas a cartas de leitoras, pois alguns tópicos da coluna eram direcionados a uma determinada pessoa, como que em resposta a ela:

Clara Maria - Se estiver em um jantar de cerimônia e o guardanapo cair, não o apanhe de maneira alguma; deixe que o garçom ou a criada o faça. Está claro, meu bem, que este pequeno incidente não pode ser considerado como “gaffe”. Isto acontece a toda hora e a muita gente. [...] Helena G – Guanabara – As flores são sempre indicadas e bem recebidas em quase todas as oportunidades. Pessoalmente, não gosto de enviá-las a doentes, porém é um costume correto e até muito simpático. Quero apenas esclarecer que, neste particular, só são indicadas as flores de aroma suave, jamais devendo ser enviadas a pessoas doentes: angélicas, lírios, jasmims, magnólias, etc. – “Minha opinião”? – Para homenagear uma parturiente, nada mais belo do que rosas ou botões entreabertos. (REVISTA *QUERIDA* n.245, p.75, 1964).

Uma moça educada deveria saber que a circunspeção e o recato eram características imprescindíveis ao *bom tom*. Aliás, a discrição era “qualidade das mais apreciadas. Pessoa educada e de boa formação moral jamais faz perguntas sobre a vida íntima de ninguém, mesmo tratando-se dos mais próximos parentes.” (REVISTA *QUERIDA*, n.245, p.75, 1964) Extremamente deselegante era “gesticular exageradamente, falar em voz alta, apontar pessoas ou chamá-las aos gritos. Imperdoáveis ainda as gargalhadas e os espirros estridentes.” (REVISTA *QUERIDA*, n.246, p.30, 1964)

O bom comportamento à mesa e a melhor maneira de receber convidados em um jantar eram bastante referenciados. Não se podia imaginar nada que ferisse “tanto os preceitos da etiqueta como ver pessoas mal comportadas à mesa. Quem não sabe estar em sociedade não deve jamais aceitar determinados convites” (REVISTA *QUERIDA*, n.251, p.96, 1964). “Falar com boca cheia e mastigar de boca aberta” eram consideradas “atitudes de deselegância, descorte-

sia e quase de ‘pecados mortais’ contra a boa educação” (REVISTA *QUERIDA*, n.245, p.75, 1964). Era também muito importante que, quando convidada para um jantar, coquetel ou qualquer espécie de recepção, a pessoa comparecesse “sempre vestida com propriedade e com aparência bem cuidada” (REVISTA *QUERIDA*, n.245, p.75, 1964) e que também soubesse como utilizar os talheres, afinal “facas existem apenas para cortar. As pessoas que ao comer levam a faca à boca ou arrumam com a mesma ‘aos montinhos’ a comida sobre o garfo, demonstram pouca educação e total falta de traquejo.” (REVISTA *QUERIDA*, n.251, p.96, 1964).

Mesmo tratando-se de tempos distantes entre si, é possível associar os trechos descritos à afirmação de Norbert Elias (1994, p.70), em *O processo civilizador*, ao referir-se ao tratado *De civilitate morum puerilium*³, de Erasmo:

Com o mesmo infinito cuidado e naturalidade com que essas coisas são ditas – a mera menção das quais choca o homem “civilizado” de um estágio posterior, mas de diferente formação afetiva [...] Quanto mais estudamos o pequeno tratado, mais claro se torna o quadro de uma sociedade com modos de comportamento em alguns aspectos semelhantes aos nossos e também, de muitas maneiras, distantes.

Ao tomar contato com as regras de bom tom propostas na coluna de Maria Thereza Weiss, pode-se perceber uma aproximação e um distanciamento dos modos de comportamento atualmente aceitos, pois, ao mesmo tempo em que permanece a necessidade de saber vestir-se e portar-se às mais diversas situações a fim de conquistar um *status* socialmente reconhecido, as regras de convívio social modificaram-se, fazendo com que aquelas outrora válidas soem, agora, estranhas.

Quanto à coluna *Certo e Errado nas Pequenas Coisas*, parece imperativo considerar que, apesar de esta apresentar um discurso voltado a condutas de civilidade para suas leitoras, não é possível afirmar que todas, ou qualquer parte das mulheres que a liam, se comportassem de acordo com tais normas de etiqueta. O que precisa ser ressaltado em relação a tal coluna é que esta ecoava um modo de comportamento que poderia ser associado às mulheres letradas de classe média urbana da época, prováveis leitoras de *Querida*. É igualmente importante observar que preceitos de civilidade eram também difundidos por

3 *De civilitate morum puerilium*: tratado de boas maneiras para crianças, escrito em 1537, por Erasmo, e estudado por Norbert Elias (1994) em seu livro *O processo civilizador*.

meio dos contos, das publicidades, reportagens e capas das revistas pesquisadas.

Quando se trata de gênero e sexualidade, os significados hegemônicos em relação à forma como homens e mulheres são apresentados pela mídia impressa, envolvem desde o posicionamento na imagem e os lugares onde são mostrados, até os adjetivos empregados para definir um e outro. O lugar das mulheres sempre foi determinado em oposição ao lugar dos homens. Força, autoridade, virilidade, foram estabelecidos como símbolos culturais em oposição à fragilidade, fraqueza, sensibilidade; características consideradas femininas. A partir desses binarismos, criaram-se códigos, formaram-se sistemas. E são esses binarismos que são reforçados e reproduzidos pela mídia e pela publicidade, mediante as formas de representar homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: A Revista de Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Educação em revista*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M.Delly*. Belo Horizonte: Autêntica 1999.

_____. *Imagens de civildade em textos escolares e não-escolares: composição e circulação*. Departamento de História/UEDESC, 2006.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v.

FORNAZARI, Luciana. *Gênero em revista: imagens de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra*. Florianópolis: UFSC, 2001.

GIROUX, H.; McLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A F. (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação da liberdade, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

REVISTA *QUERIDA*, 1964-1968.

SABAT, Ruth. *Pedagogia cultural, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: PGEDU/UFRGS, 1999.

STEPHANOU, Maria. *Ser e viver como mulher moderna: educação feminina segundo manuais de etiqueta dos anos 40 a 60 do século XX*. Uberlândia: UFU, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Texto recebido em 24 de setembro de 2009.

Texto aprovado em 06 de dezembro de 2009.

